

## UMA ANÁLISE DISCURSIVO-IDENTITÁRIA DE PABLO VITTAR

### A DISCURSIVE-IDENTITY ANALYSIS OF PABLO VITTAR

### UN ANÁLISIS DE LA IDENTIDAD DISCURSIVA DE PABLO VITTAR

 <https://doi.org/10.56238/arev7n6-276>

**Data de submissão:** 23/05/2025

**Data de publicação:** 23/06/2025

**Luciane Lucyk**  
Mestre em Letras  
UFMT  
E-mail: lucianelucyk@gmail.com  
Lattes: 9791576314375915

#### RESUMO

O presente artigo objetiva analisar a capa da Revista POP-SE, publicada em 2019, em que Pablo Vittar é a personagem principal em duas versões: homem e mulher. A capa sintetiza os estudos de identidade atuais ao representar um mesmo indivíduo com múltiplas identidades. A questão é: Pablo é masculino ou feminino? O binarismo, constituído institucionalmente, é questionado, como característica do mundo global em que hoje se tem espaço, ou ainda se busca o espaço do questionamento, mas com mais oportunidades e representatividade. A pesquisa vai além da descrição linguística, ‘o Pablo, ou a Pablo’ passa pelos processos discursivos de identidades. O texto é de cunho teórico metodológico baseado nos conceitos de discurso, identidades sociais, alteridade, não fixidez e não binarismo, dialogando com conceitos de corpo, sujeito, ideologia, memória institucionalizada e memória discursiva nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso.

**Palavras-chave:** Identidades. Discurso. Alteridade.

#### ABSTRACT

This article aims to analyze the cover of the POP-SE Magazine, published in 2019, in which Pablo Vittar is the main character in two versions: man and woman. The cover summarizes current identity studies by representing the same individual with multiple identities. The question is: is Pablo masculine or feminine? The institutionally constituted binary is questioned, as a characteristic of the global world in which there is now space, or still a space for questioning, but with more opportunities and representation. The research goes beyond linguistic description, ‘Pablo, or the Pablo’ goes through the discursive processes of identities. The text has a theoretical and methodological nature based on the concepts of discourse, social identities, otherness, non-fixity and non-binarity, dialoguing with concepts of body, subject, ideology, institutionalized memory and discursive memory in the theoretical assumptions of Discourse Analysis.

**Keywords:** Identities. Discourse. Otherness.

#### RESUMEN

Este artículo analiza la portada de la revista POP-SE, publicada en 2019, donde Pablo Vittar es el protagonista en dos versiones: hombre y mujer. La portada resume los estudios actuales sobre la identidad al representar al mismo individuo con múltiples identidades. La pregunta es: ¿Pablo es

masculino o femenino? Se cuestiona el binario institucionalmente constituido, como una característica del mundo global en el que ahora hay espacio, o aún hay espacio para el cuestionamiento, pero con más oportunidades y representación. La investigación va más allá de la descripción lingüística: «Pablo, o el Pablo» explora los procesos discursivos de las identidades. El texto tiene un carácter teórico y metodológico basado en los conceptos de discurso, identidades sociales, alteridad, no fijeza y no binarismo, dialogando con los conceptos de cuerpo, sujeto, ideología, memoria institucionalizada y memoria discursiva en los presupuestos teóricos del Análisis del Discurso.

**Palabras clave:** Identidades. Discurso. Alteridad.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva analisar a capa da Revista POP-SE, publicada em 2019, em que Pablo Vittar é a personagem principal em duas versões: homem e mulher. A capa sintetiza os estudos de identidade atuais ao representar um mesmo indivíduo com múltiplas identidades. A questão é: Pablo é masculino ou feminino?

A pesquisa vai além da descrição linguística, ‘o Pablo, ou a Pablo’ passa pelos processos discursivos de identidades. O texto é de cunho teórico metodológico baseado nos conceitos de discurso, identidades sociais, alteridade, não fixidez e não binarismo, dialogando com conceitos de corpo, sujeito, ideologia, memória institucionalizada e memória discursiva nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso.

## 2 DISCURSO E IDENTIDADES SOCIAIS

O conceito de identidade se constitui na área das ciências sociais e humanas com a ideia de construção, em que são construídas a partir da definição de si e o que lhe é atribuído. Este conceito não é fixo, o modo como o outro me vê vai mudar o tempo todo. “A nossa identidade é formada pela visão que temos de nós mesmos e como os outros nos veem”. (AZEM e FILHO, 2008, p. 93) Nesta perspectiva,

cada grupo seleciona aspectos da sua cultura para firmar-se, com a definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída), apresentando das funções conhecidas, como a defesa da unidade do grupo, a posição do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos etc.” (AZEM e FILHO, 2008, p. 93)

A importância do estudo de identidade, segundo Azem e Filho (2008) “está em focalizar a constituição de suas fronteiras, perguntando, em cada caso quais são os critérios para sua definição, como seu contexto se identificam e reconhecem seus próprios elementos”. Para eles “a identidade é uma concepção dinâmica, construída e transformada na interação de grupos sociais através de processos de exclusão e inclusão que estabelecem limites entre tais grupos, definindo os que integram ou não”. (AZEM e FILHO, 2008, p. 93)

De acordo com Moita Lopes (2003, 2010), as identidades sociais são aquelas constituídas pela alteridade e, em função disso, vão construir a ideia de inclusão e de exclusão, principalmente. Ele diz que as identidades não são propriedades privadas dos indivíduos, mas construções sociais. O conceito de alteridade está relacionado ao processo de exclusão em que, neste cenário social, algumas identidades estão reivindicando direitos sociais. Este autor foi o responsável por trazer o conceito de identidade para área de Letras, sendo o discurso e identidade, atravessando as Ciências Sociais e

vinculado a uma área do discurso, assim, todo uso da linguagem envolve a ação humana em relação a alguém ou um contexto interacional específico.

Com relação ao conceito de discurso, para Brandão (2004, p. 11) “A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social: ela não é neutra, nem inocente, nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia.” A análise de discurso é definida por Orlandi (2015, p. 21) como: “São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc.” E continua: “A linguagem serve para comunicar e não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados.” Deste modo, a linguagem possibilita outros sentidos. Observando o Mapa mental: Identidade > construto sócio-histórico > relações de poder > classificação > fronteira simbólica > marcas e estigmas, constata-se toda uma relação social para a constituição de identidades pela e na linguagem. As práticas linguísticas materializam identidades.

Ou seja, todo uso da linguagem envolve alteridade (Bakhtin, 1929/1981) e situacionalidade (Lindstrom, 1992). Assim, é impossível pensar o discurso sem focalizar os sujeitos envolvidos em um contexto de produção: todo discurso provém de alguém que tem suas marcas identitárias específicas que o localizam na vida social e que o posicionam no discurso de um modo singular assim como seus interlocutores. (MOITA LOPES, 2003, p. 19)

Moita Lopes (2003), diz que a modernidade, ou modernidade tardia, como conceituam outros autores inclusive Baumam (2005), alterou a face do mundo com conquistas materiais, tecnológicas, científicas e culturais, surgindo novos estilos, culturas, costumes e organização social. As práticas cotidianas vividas têm afetado a compreensão de classe social, de gênero, idade, sexualidade, nacionalidade, raça etc. “[...]de quem somos na vida contemporânea”. (MOITA LOPES, 2003, p. 15). Esta multiplicidade no mundo globalizado, possibilitado pelas mídias, tem colaborado como questionamento da multiplicidade de valores, que até poucas décadas eram silenciados como grupos gays, feministas, trabalhadores sem-terra, entre outros. “É inegável a força da mídia na construção desse novo mundo no qual vivemos”. A modernidade nos coloca em um momento em que “Vivemos tempos em que a vida tradicional, ou seja, muitos valores, éticas, ideologias e percepções da vida social entendidos como verdades naturalizadas, estão sendo profundamente questionados”. (MOITA LOPES, 2003, p.16) Esta modernidade tardia como a época do repensar.

Goffman (2017) observa que a identidade social ajuda na disseminação da identidade estigmatizada, assim, dessa forma a compreensão da identidade está atrelada à compreensão da diferença: as sociedades estabelecem modelos e categorias que classificam os sujeitos de acordo com seus atributos e qualidades avaliados como “normais” e/ou “adequados”. “estigma - a situação do

indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” (GOFFMAN, 2017, p.04) Segundo esse autor a Identidade e diferença são marcadas e é na diferença das identidades que são instituídas/constituídas as relações/posições de poder. As identidades vêm se multiplicando e, na medida que os sujeitos se desdobram em agentes de várias coletividades de pertencimento, ou seja, reivindicam pertencimento ao mesmo tempo veem se sentido desenraizados.

As identidades como construções sociais são marcadores de diferença que operam de maneira relacional e não absoluta. Dessa forma “as identidades são definidas por contraste, apresentando-se por oposição a outras categorias e referências”. Elas só têm significado por comparação umas com as outras e dependem do contexto, do local que se afirmam. “Elas são também relativas em função do momento, da região, da geração, da classe, da etnia a que se referem, assumindo sempre novas variantes e usos sociais”. (SALLUM; SCHWARCZ; VIDAL e CATANI (Orgs.), 2016, p.12).

Sobre os estigmas, Bauman aborda a questão das subclasses.

“Se você foi destinado à subclasse (porque abandonou a escola, é mãe solteira vivendo da previdência social, viciado ou ex-viciado em drogas, sem-teto, mendigo ou membro de outras categorias arbitrariamente excluídas da lista oficial dos que são considerados adequados e admissíveis), qualquer outra identidade que você possa ambicionar ou lutar para obter lhe é negada a priori. O significado de “identidade da subclasse” é a ausência de identidade, a abolição e individualização da individualidade, do “rosto” – esse objeto do dever ético e da produção moral. Você é excluído do espaço social em que as identidades são buscadas, escolhidas, construídas, avaliadas, confirmadas e refutadas. (BAUMAN, 2005, P. 45-46)

Se há um grupo privilegiado, há outros que não vão usufruir dos privilégios. Serão excluídos. Por isso é importante perceber o privilégio e, novamente, as práticas linguísticas materializam identidades. Falar de onde, de qual formação discursiva? Segundo Foucault (2020) definem as posições sujeito que reforçam as identidades. As pessoas assumem suas posições de identidade e se identificam com elas. Na visão socioconstrutivista as pessoas são posicionadas em identidades de acordo com sua vinculação dentro de um discurso como força de ação constitutiva. As produções de sentido estão necessariamente atreladas ao grupo social onde esse sujeito circula, ou seja, as identidades individuais estão vinculadas ao sistema de significação comum de um grupo. Portanto, quando eu defino o outro, eu estou me definindo, demonstrando a minha posição sujeito e qual formação discursiva pertenço. Isso envolve aspectos socio-históricos-culturais de cada formação discursiva proveniente no enunciado.

Stuart Hall (1997) afirma que,

a cultura tem ocupado um lugar central em nosso tempo e o fato de que esteja ocorrendo, por meio dela, o governo dos sujeitos, talvez consigamos vislumbrar com mais nitidez as posições de sujeito que podemos assumir na política cultural que produz as identidades. Passaríamos, também, a entender melhor esse ‘jogo da cultura’ em que somos involuntariamente envolvidos

a participar e não ficaríamos tão surpresos com a explosão de polêmicas e conflitos com os quais temos convivido cada vez mais, em torno de questões ligadas às identidades.

Portanto, por que falar de identidade hoje?

Para proporcionar a reflexividade dos discursos veiculados globalmente e novas identidades sociais que se apresentam, proporcionar a emancipação humana dos constrangimentos do passado, “usar a história pra fazer história” (GIDDENS, 2002. P.194) Usar a “face positiva da globalização que nos leva a experimentar a heterogeneidade da vida humana de frente.” (MOITA LOPES, 2003, p. 17)

Como afirma Moita Lopes (2003, p.26) baseado em Fairclough (1992, p. 61) “não estamos meramente posicionados de forma passiva, mas somos capazes de atuar como agentes, construindo o mundo em outras bases discursivas ou em outros significados”. Ser agentes na mudança de “visões sobre a vida social que desejam questionar posições fincadas em binarismos fechados, e bem delineados sobre quem somos”. (MOITA LOPES, 2010, p. 09) Lançando um olhar para além da identidade, colocando em evidência o que não tem nome, que, até então, silenciados, não incluídos em lugares polarizados.

Dessa forma, para que alguns grupos sociais tenham mais evidência, sejam incluídos, pois, como diz Bauman, qualquer forma de exclusão, exclui as pessoas do consumo. Não somente a questão do consumo, mas em todos os aspectos sociais.

Como exemplificação trazemos a analise da capa da revista Pop-se no próximo tópico.

### **3 ANÁLISE DISCURSIVA DAS IDENTIDADES ATRIBUÍDAS A PABLO VITTAR**

Quando o ser humano nasce, lhe é atribuído a definição de gênero masculino ou feminino, constituído no processo socio-histórico-cultural da sociedade contemporânea constrói-se um conjunto de identidades fixas e binárias. Já o processo identitário provem do que nos definimos sobre nós e de como o outro nos vê. Nesse sentido de identidades atribuídas, da alteridade e constituição de identidades performativas, não fixas em que o presente artigo tem como objeto de análise a imagem de Pablo Vitar, veiculada a partir de uma entrevista para revista Pop-se, veiculada em 2019:

Pablo Vitar Capa da Revista Pop-se



**POP-SE, Revista. Número 02. 2019.**

Na imagem observa-se a constituição da identidade binária masculina e feminina de uma mesma pessoa, Pablo, este, demonstra as múltiplas identidades. As identidades, sempre plurais “[...] emergem na interação entre os indivíduos agindo em práticas discursivas particulares nas quais estão posicionados” (MOITA LOPES, 2003, p. 8). Essa interação verbal entre os indivíduos, agindo nas práticas discursivas, requer a posição sujeito determinadas no discurso. Para isso, Indursky (2013, p. 35) nos traz:

O sujeito ao produzir seu discurso, o faz a partir de determinadas posições de sujeito, igualmente ideológicas. Tais posições, contudo, não transformam esse sujeito em uma figura que decide livremente seu discurso, pois se trata de um sujeito socialmente constituído. [...] por não ter consciência do seu assujeitamento, mantém fortemente arraigada a ilusão de ser plenamente responsável por seu discurso e- suas posições.

Neste sentido, a posição sujeito retratada na imagem refrata o discurso ideológico de uma posição não binária de identidades. As identidades binárias atribuídas socialmente a partir de Pablo como mulher e a outra de Pablo como homem, demonstrando que ele pode ser as duas, ou nenhuma delas. Não precisa ser definido de forma binária homem/mulher. Ferreira-Leandro (2003, p. 191) discorre que, “mais do que o sujeito, interessam as posições sujeito, uma vez que o sujeito é pensado

discursivamente como uma posição entre outras.” E assim, estabelece relação entre os enunciados referentes a cada posição de sujeito e a essa afirmação trazemos a contribuição de Orlandi (2001, p. 49):

o sujeito se define pela sua relação com o sistema significante investido de sentidos, sua corporeidade, sua espessura material, sua historicidade. É o sujeito significante, o sujeito histórico (material). Esse sujeito que se define como ‘posição’ é um sujeito que se produz entre diferentes discursos, numa relação regada com a memória do dizer (o interdiscurso), definindo-se em função de uma formação discursiva na relação com as demais.

Pablo, na formação discursiva não binaria, significa o feminino e o masculino em sua corporeidade. Ele dá a sociedade, ao Outro, a partir da imagem de binaridade exposta, a justificativa de poder ser as múltiplas identidades. A ideologia está presente na relação com toda a formação discursiva, segundo Pêcheux (1995, p. 161), “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhe são correspondentes. Neste sentido Pablo é interpelado na sua constituição masculina ou feminina, na linguagem corporal toma posição sujeito de acordo com o discurso social vigente, mas em contrapartida tem a não binaridade, o questionamento da identidade binária e colocando em evidencia as múltiplas identidades existentes entre a fronteira do binarismo.

Observa-se na imagem a performatividade de Pablo, a identidade performativa, suas identidades de gênero, e a articulação das duas pelo sujeito que quer representar. Não tem sua identidade de gênero fixa, pois, as identidades não são fixas, mas sim podendo ser o que quiser, ou as duas coisas, em oposição ao binarismo pregado pelo contexto sócio-histórico da contemporaneidade. Leandro-Ferreira (2007, p.101) considera: “o sujeito não é livre, não é centrado, não é dono de sua morada, nem tampouco pleno”. Ele é assujeitado tanto ao seu inconsciente quanto às circunstâncias histórico-sociais que o molda. Neste sentido Pablo, assujeitada ao contexto histórico social vem para quebrar este paradigma binário do corpo de homem ou mulher, reivindicando ao mundo que o sujeito pode ter suas múltiplas identidades, de acordo com a formação discursiva/ideológica em que está inserido. Desta forma ele se torna ícone para muitos outros indivíduos se identificarem e, também, reivindicarem suas posições sujeito no mundo, no social e econômico, bem como para que as identidades estigmatizadas ganhem espaço.

A formação discursiva é, enfim, o lugar da constituição do sentido e da identificação do sujeito. É nela que todo sujeito se reconhece (em sua relação consigo mesmo e com outros sujeitos) e aí está a condição do famoso consenso intersubjetivo (a evidência de que eu e tu somos sujeitos) em que, ao se identificar, o sujeito adquire identidade. (ORLANDI; GUIMARÃES, 1988, p. 21).

Entende-se que, pelas formações discursivas, possibilita-se saber quem fala, de onde fala, com quem se fala, sobre o que se fala e a partir daí, conhecer os processos de significação. Quando Pablo fala da posição feminina ou quando fala da posição masculina atribui efeitos de sentido relacionadas ideologicamente a sua posição sujeito. Ao identificar-se, significa. Simone Beauvoir (2002, p. 69) revela: “o corpo não é uma coisa, é uma situação: é a tomada de posse do mundo e o esboço de nossos projetos”. Neste sentido, por cada sujeito estar conectado ao corpo, que é próprio e individual e a ele inserido seus pensamentos, ideias, projetos e por atitudes que o sujeito se projeta aos outros sujeitos.

Com isso Orlandi explica:

Esta afirmação de Simone nos esclarece muito a respeito da posição sujeito e seu corpo face à diferença: tomada de posse do mundo; o indivíduo escolhendo-se através do mundo para se definir. Práxis identificadora. O sujeito definindo seu corpo a partir da existência. Eu acrescentaria: e não sob a injunção do imaginário social que já o significa e a seu corpo, ou melhor, a partir de seu corpo, no corpo social (ORLANDI, 2014, p. 36).

Os corpos representados na capa significam, tem um efeito de sentido simbólico da representação da posição do homem e da mulher. Orlandi (2017, p. 191), “a vestimenta se apresenta assim não somente como uma sobrepele contendo o envelope individual corporal e psíquico, ela é também uma pele social, uma pele emblema, um signo de distinção para os de fora do grupo e uma marca de pertencimento a um conjunto”. Pablo homem na posição principal, na frente, acompanhado de Pablo mulher atrás, na posição secundária representa o pensamento contemporâneo “atras de um grande homem existe uma grande mulher”, bem como outras definições secundárias do papel do sujeito mulher na sociedade. Ainda segundo Orlandi (2017, p. 93):

Não há corpo que não seja investido de sentidos, e que não seja o corpo de um sujeito que se constitui por processos nos quais as instituições e suas práticas são fundamentais para a forma com que ele se individualiza, assim como o modo pelo qual, ideologicamente, somos interpelados em sujeitos, enquanto forma sujeito histórica (em nosso caso, capitalista).

Assim, os indivíduos que se identificam pelas produções de sentido proferidas no discurso de Pablo, também são indivíduos que reivindicam posições sociais, inclusive econômicas. Identidades não nomeadas como se referiu Moita Lopes (2010), aquelas que sempre existiram, mas eram silenciadas. Na sociedade de consumo todo ser que consumista produz lucro, conforme Baumam (2005) então toda forma de consumo é bem-vinda.

As cores rosa e azul, historicamente constituídas como rosa o feminino e azul o masculino, são incorporadas às identidades. Pablo masculino veste uma camisa rosa, quebrando paradigma de rosa feminino. Representa as múltiplas identidades tanto masculinas quanto femininas, pois não temos uma identidade feminina, por exemplo. Como dito antes, elas não são fixas, tem-se as várias identidades

femininas com características femininas comuns, mas não uma única forma de se identificar como mulher. Como também não há uma identidade fixa masculina, ou normas para se determinar o que é ser homem. Orlandi (2018, p. 60) em que “o corpo do sujeito se ata no corpo social.” Uma vez que a cor simboliza, essas imagens devem ser analisadas como uma combinação de formações discursivas que se sobrepõem, que se implicam na posição-sujeito histórico-social atravessada pela ideologia. Ao referirmos a ideologia aqui, pensamos no que representa o corpo do sujeito como materialidade no espaço social.

Como forma material, por fim, é possível conceber o corpo como escritura - legado do sujeito. Feito da lei (da letra), da linguagem e da cultura, o corpo não morre, porque nele trabalha o simbólico. De documento, o corpo passa a ser monumento justamente pelo entrelaçamento da história, da cultura e da letra (o simbólico). Esse entrelaçamento produz traços vivos no corpo - marcas - registradas, esquecidas, mas não apagadas. que tomam o corpo um lugar de inscrição. (BRESSAN, 2020, p. 59).

Neste sentido o simbólico azul masculino e rosa o feminino passa a não binariedade das cores ao masculino vestir-se de rosa. Para Saço e Ferreira (2013, p. 101) os “corpos diferenciados da normalidade social proclamam uma urgência de experimentar vivências corporais e de sobreviver físico e socialmente.” Ou seja, para Orlandi (2001, p. 94), “O corpo não muda em si, mas passa a significar de diversas maneiras.” Para Beauvoir (2002) “O sujeito definindo seu corpo a partir da existência.” e assim (re)formulando-se mediante a sua circunstância atual. Assim, Pablo significa as identidades não fixas no binarismo e representa muitos indivíduos que se identificam com essas múltiplas identidades existentes entre a fronteira do masculino e feminino. Por meio de Saço e Ferreira (2013, p. 98), “Quando falamos de discurso corporal, estamos destacando “partes do corpo” biológico, que possui um significado social além da sua própria funcionalidade.” Neste sentido o a posição vai além do biológico ela reivindica posições de identidades sociais a serem incluídas em espaços antes possuídos apenas por identidades binárias.

Para Navarro (2007 p. 141) “O processo de identificação está sendo continuamente deslocado.” e “sua constituição nos discursos realiza-se paralelamente ao trabalho de produção da diferença.” E continua: “Assim, a definição da identidade e a marcação da diferença não podem ser separadas das relações mais amplas de poder.” Ao falar o que sou, já menciono o que não sou. E segue (2007, p. 143): “Nesse sentido, sendo as identidades produzidas no e pelo discurso, é preciso compreendê-las como produtos de lugares históricos e de instituições. Não são pessoas que definem as identidades, mas instituições. O Estado e a Igreja são importantes instituições que definem as identidades. A partir do momento que temos em locais públicos o binarismo de uso de banheiros, por exemplo, temos excluídos, pelas instituições, de outras identidades não binárias.

Para Orlandi (2001, p. 96):

Os aparelhos de poder de nossa sociedade gerem a memória coletiva. Dividem os que estão autorizados a ler, a falar e a escrever (os que são intérpretes e autores com obra própria) dos outros, os que fazem os gestos repetidos que impõem aos sujeitos seu apagamento atrás da instituição. Seja essa instituição a Igreja, o Estado, a empresa, o partido, a escola, etc. Em todo discurso podemos encontrar a divisão do trabalho da interpretação, distribuído pelas diferentes posições dos sujeitos: o padre, o professor, o gerente, o líder sindical, o líder partidário, etc. E há uma enorme produção de textos (falados ou escritos) que trabalham esta divisão: regimentos, constituições, panfletos, livros didáticos, programas partidários, estatutos, etc. Os sentidos não estão soltos, eles são administrados.

Os gestos de interpretação se acumulam e constituem a memória discursiva e institucionalizada, o discurso de indivíduos com posição sujeito de poder simboliza e é nos gestos de interpretação que se flagra os funcionamentos ideológicos inserido no cotidiano da sociedade. Neste percurso Lagazzi (2010, p. 81) nos explica:

A cidadania esteve e está em permanente construção; é um referencial da conquista da humanidade, através daqueles que sempre buscam mais direitos, maior liberdade, melhores garantias individuais e coletivas , e não se conformam frente as dominações arrogantes, seja do próprio estado ou de outras instituições ou pessoas que não desistem de privilégios, de opressão e de injustiças contra uma maioria desassistida e que não consegue fazer ouvir, exatamente por que se lhe nega a cidadania plena cuja conquista , ainda que tardia, não será obstada.

Orlandi (2014, p. 33) “é a instituição o lugar da regularidade, da normatividade. Fixar-se e transmudar-se são partes do mesmo processo, a que o um e o diferente se filiam. Desse modo, não somos preconceituosos por natureza, mas por instituição.” Ao reconhecermos e enquadrarmos em determinada instituição (independente de qual seja) vamos criando laços, e o que não pertence a essa instituição se encontra discriminado pela diferença. Os discursos são marcados por relações de poder, do político e da ideologia de acordo com a posição sujeito que pertence. Portanto, a imagem ao mesmo tempo que retrata uma realidade, marca as relações sociais e reivindica conquista de direitos civis. Mostra que, mesmo a sociedade excluindo, não aceitando, sendo preconceituosa com diversos indivíduos com marcas identitárias não binárias, identidades estigmatizadas, raciais, entre outras, eles estão presentes em diversos contextos, sendo aceitos ou não eles existem, e principalmente, fazem parte da sociedade de consumo. Assim, identidades antes apagadas começam a ganhar espaço. Por isso tantos estudos de identidades nas últimas décadas, que, com muita luta, estão ganhando espaço social e econômico no mundo global. Portanto questões de direitos civis, homofobia, racismo, sexism ganham força no movimento social e histórico.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pablo é masculino ou feminino?

Em resposta a pergunta inicial da pesquisa se observou que a capa deixa evidente o questionamento da identidade social e de identidade como algo fixo. O binarismo não dá mais conta de explicar as identidades, sendo estas constituídas pela alteridade de não fixidez. Esta capa sintetiza os estudos de identidades na contemporaneidade em que as identidades antes silenciadas estão adquirindo direitos sociais. Os não identificáveis estão ganhando espaço, adquirindo poderes e fazendo seu papel na sociedade de consumo.

Identidade antes historicamente institucionalizadas como não padrão, estão presentes nos mais diversos contextos sociais e fazendo história. Assim, Pablo, como tantos outros, pode ser o que quiser, ou as duas coisas. O binarismo, constituído institucionalmente, é questionado, como característica do mundo global em que hoje se tem espaço, ou ainda se busca o espaço do questionamento, mas com mais oportunidades e representatividade.

## REFERÊNCIAS

- AZEM, Marina; FILHO, Luiz Vicente Campos. Do norte, do sul, do além-mar, de Mato Grosso. In: MACHADO, Maria Fátima Roberto (Org.). Diversidade sociocultural em Mato Grosso. Cuiabá: Entrelinhas, 2008. p. 92 – 135.
- BAUMAN, Z. Identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BEAUVIOR, Simone. Segundo Sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. 2 v.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. Introdução à análise do discurso. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2004.
- BRESSAN, Mariele Zawierucka. Corpo. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Glossário de termos do discurso: edição ampliada. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 55-60.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O caráter singular da língua na Análise do Discurso. Porto Alegre: Organon, Vol. 17, n. 35, 2003, p. 189-200.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. A trama enfática do sujeito. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 101-108.
- FOUCAULT, Michel. Arqueologia do Saber. 8<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020.
- GIDDENS, A. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- INDURSKY, Freda. A fala dos quartéis e as outras falas. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2013.
- LAGAZZI, Suzy. O confronto político urbano administrado na instância jurídica. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). Discurso e políticas públicas urbanas: a fabricação do consenso. Campinas: Editora RG, 2010. p. 75-83.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da; BASTOS, Liliana Cabral (Orgs.). Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos. Belo Horizonte: EdUFMG, 2010.
- NAVARRO, Pedro. Discurso, Sentido e Mídia: A Produção de Imagens de Identidade Coletiva. In: MALUF-SOUZA, O.; DI RENZO, A. M.; MARTINS e SILVA, V. R. M.; ZATTAR, N. B. da S. (Org.). Fronteiras discursivas: espaços de significação entre a linguagem, a história e a cultura. 1 ed. Campinas: Pontes, 2007. v. 1, p. 137-150.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Eu, tu, ele: discurso e real da história. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Interpretação: autoria leitura e efeitos do trabalho simbólico. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Ser diferente é ser diferente: a quem interessam as Minorias? In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). Linguagem, Sociedade, Políticas. Campinas: Editora RG, 2014. p. 29-38.

ORLANDI, Eni Puccinelli; GUIMARÃES, Eduardo. Unidade e dispersão: uma questão do texto e do sujeito. Cadernos Puc, v. 31, p. 17-36, 1988.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 1995.

POP-SE, Revista. Número 02. 2019. SALLUM JR., B.; SCHWARCZ, L. M.; VIDAL, D.; CATANI, A. (Orgs.). Identidades. São Paulo: Edusp, 2016.